

OS KADIWÉU E SEUS ETNÓGRAFOS DE ALÉM DO ATLÂNTICO: HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA NOS SÉCULOS XIX E XX

GIOVANI JOSÉ DA SILVA*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os Kadiwéu (autodenominados *Ejiwajegi*), seja no passado (quando seus ancestrais eram chamados de Mbayá-Guaikuru, dentre outras denominações ¹), seja no presente, fascinaram àqueles que se aventuraram por suas terras e desfrutaram de seu convívio, ainda que alguns por pouco tempo. Dentre esses viajantes, destacaram-se os que, oriundos majoritariamente da Europa, deixaram escritos a respeito daqueles que em tempos coloniais também foram chamados de “índios cavaleiros” e impressionaram aos colonizadores por suas lides na guerra. Esta comunicação tem por objetivo apresentar alguns desses viajantes (aqui chamados de etnógrafos) e suas obras a respeito dos Kadiwéu que encontraram em território brasileiro, na fronteira com o Paraguai, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. São eles: Herbert Huntington Smith (estadunidense), Guido Boggiani (italiano), Emile Rivasseau (francês), Alberto Vojtěch Frič (tchecoslovaco), Henrich Henrikhovitch Manizer (russo), Erich Freundt (alemão), Wanda Theresia Leokadia Hanke (austríaca), Kalervo Oberg (canadense) e Claude Lévi-Strauss (franco-belga).

O texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em estágio avançado, atualmente desenvolvida pelo autor sobre a bibliografia existente a respeito dos Kadiwéu e que resultará em um dos capítulos do livro **Kadiwéu: Senhoras da Arte, Senhoras da Guerra** (Volume Dois), a ser lançado proximamente. Não se trata de um levantamento exaustivo e tampouco definitivo, mas uma espécie de “guia” biobibliográfico a servir de orientação para pesquisadores que desejarem conhecer o que se escreveu e ficou registrado em relação aos Kadiwéu e a visão de viajantes de além do Atlântico sobre esta sociedade indígena. Como se verá, temas como as pinturas faciais e corporais, a fabricação de cerâmica e a guerra aparecem constantemente nas etnografias construídas por tais pesquisadores, chamando a atenção para alguns aspectos marcantes da cultura Kadiwéu, enquanto outros são praticamente ignorados.

* Docente da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)/ Campus de Nova Andradina. Doutor em História pela UFG (Universidade Federal de Goiás).

¹ Além de Guaycurús ou Guaycurus, diversas denominações aparecem em livros e documentos referindo-se ao grupo no passado, dentre elas: Caduvei, Caduvéu, Cadiuveos, Cadiuéu, Cadioéos, Cadiuéos, Cadivéns, Kadiueu, Kadiuéu (HERBERTS, 1998).

Darcy Ribeiro, antropólogo brasileiro que chamava os Kadiwéu de “meus índios”, legou um retrato dessa sociedade indígena do final da primeira metade do século XX (RIBEIRO, 1980), época em que desenvolveu entre eles trabalhos de campo pelo antigo SPI (Serviço de Proteção aos Índios), órgão do qual era funcionário na ocasião (1947 e 1948). Entre inúmeras narrativas coletadas, Ribeiro (1980, p. 24) registrou a seguinte fala entre os Kadiwéu: “Edu-adig (Kadiwéu) antigo era a nação mais poderosa; este mundo todo foi nosso: tereno, xamacoco, brasileiro, paraguaio, todos foram nossos cativos, hoje estamos assim”. Tal fragmento revela o quanto mudaram as percepções dos Kadiwéu sobre as relações interétnicas estabelecidas ao longo do tempo e de que forma o passado guerreiro era evocado, nas lembranças dos mais velhos, como um período de conquistas territoriais e obtenção de “cativos”.²

Os etnógrafos aqui elencados, em sua maioria homens, conheceram os Kadiwéu antes de Ribeiro e, em conjunto, seus escritos percorrem um espaço temporal que abarca a década de 1880 até o início da década de 1940, um período aproximado de cinquenta anos. Leva-se em consideração, nas análises empreendidas, o fato de que no período em questão a Antropologia dava seus primeiros passos como área do conhecimento, com um caráter ainda fortemente colonialista, característico dos primórdios da disciplina. Os registros, contudo, desde que lidos com os devidos cuidados, contêm importantes informações etnográficas e históricas a respeito dos Kadiwéu, um grupo étnico formado, no passado e no presente, pelo “amalgama” de diferentes culturas.

DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO, SÉCULO XIX: BOGGIANI E RIVASSEAU

Guido Boggiani e Emile Rivasseau conheceram os Kadiwéu no final do século XIX, quando os mesmos já estavam localizados na região que mais tarde viria a se constituir oficialmente na Reserva Indígena Kadiwéu (JOSÉ DA SILVA, 2004). Ambos, em seus escritos, fizeram uma espécie de “diário de campo” sobre o tempo em que conviveram com aqueles indígenas. Boggiani escreveu **Os Caduveos** (1975), além de outros textos, publicados na Itália e na Argentina (cf., por exemplo, BOGGIANI, 1929). Já Rivasseau escreveu apenas **A vida dos índios Guaycurús: quinze dias nas suas aldeias** (1941). Comparativamente, o

² Os Kadiwéu constituem, pelo menos desde os tempos coloniais, uma sociedade estratificada. No passado, havia os “nobres”, os “guerreiros” e os “cativos”, estes últimos geralmente capturados em incursões bélicas junto a outros grupos. Atualmente, a estratificação configura-se da seguinte forma: “nobres” ou *Otagodepodi* (“senhores”) e “cativos” ou *Niotagipe*, sendo que os “nobres” são considerados Kadiwéu “puros”, enquanto os “cativos” são aqueles descendentes de índios de outros grupos (JOSÉ DA SILVA, 2004).

tempo de permanência do italiano foi muito maior do que o do francês, embora as obras de ambos se constituam em instigantes construções etnográficas a respeito dos Kadiwéu na época em que foram visitados.

Guido Boggiani (1861-1901), explorador, comerciante e pintor italiano, esteve duas vezes entre os Kadiwéu, em 1892 e 1897.

Como já observado em texto publicado anteriormente:

Boggiani não era um etnógrafo, embora hoje suas observações sejam consideradas preciosas descrições etnográficas sobre aquela sociedade indígena [os Kadiwéu]. Antes, era um comerciante de peles, especialmente de couro de cervo (*Blastocerus dichotomus*), sendo atraído à região sudoeste do atual estado de Mato Grosso do Sul por causa da grande quantidade de animais de caça ali existente à época e também por saber que poderia contar com os índios para abatê-los. Curiosamente, o fracasso em encontrar os valiosos animais que tanto desejava, o obrigou a conviver um certo tempo entre os Kadiwéu (JOSÉ DA SILVA, 2002: 44).

A antropóloga Mônica T. S. Pechincha – após a convivência com os Kadiwéu na década de 1990, o que resultou em dissertação de mestrado (1994) defendida na UnB (Universidade de Brasília) – afirma que:

Guido Boggiani foi possivelmente o único branco a demonstrar algum apreço por aquela sociedade e, portanto, alguma comunicação e entendimento, no panorama da relação com os brancos no final do século passado [XIX]. Este século fatal para os Kadiwéu, que viram desaparecer quase a totalidade da numerosa população Guaikurú que habitava aquela região (PECHINCHA, 2000: 161).

Por meio dos diários do italiano percebe-se que ao final de uma viagem inesperadamente longa e frustrante (do ponto de vista dos negócios almejados), Guido Boggiani foi capaz de afirmar que os Kadiwéu possuíam uma “civilização” que lhes era própria, embora acreditasse que estivesse presenciando o “fim” de tal “civilização”, corrompida, em sua opinião, por “vícios” e “degenerações” de toda sorte. Tais “degenerações” seriam provocadas especialmente pelos contatos com os não índios e pela mistura de “diferentes raças”. Boggiani foi assassinado no Paraguai, muito provavelmente, por índios *Tumrahá* (chamados também de “Chamacoco bravos”), em 1901, e boa parte dos resultados de suas pesquisas no Pantanal brasileiro foi recuperada por Frič, outro dos etnógrafos europeus a conviver com os Kadiwéu, já no início do século XX.

Sobre Emile Rivasseau (?-?), agrimensor francês, sabe-se pouco, ainda, a respeito de sua vida. As escassas informações encontradas dão conta de que ele acompanhou José de Barros Maciel na primeira demarcação oficial das terras Kadiwéu (1899-1900) e permaneceu

por muitos anos no então sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, trabalhando em medições de terras. Sua obra, apesar do pouco tempo de convivência com os índios, permite diversas leituras da organização social, dos usos e costumes dos índios Kadiwéu na virada dos séculos XIX e XX.

As referências às guerras e pilhagens provocadas pelos “Guaykurús” (denominação pela qual Rivasseau designava os Kadiwéu), são constantes ao longo de seu texto:

[...] uma das tribus que mais a meúdo pelejavam com os Guaycurus, era a dos Chamacocos que quasi sempre soffria o peso da derrota. Victoriosos, os Guaycurús traziam tudo quanto a pilhagem dos acampamentos e aldeias dos inimigos podia dar-lhes, de interessante, de proveitoso, segundo as conveniencias. Faziam tambem alguns prisioneiros, ás vezes homens, mas sobretudo mulheres e crianças (RIVASSEAU, 1941: 87)

A obra de Rivasseau é importante para se compreender, especialmente, o processo de demarcação de terras dos Kadiwéu, no final do século XIX e início do século XX, promovido pelo governo do então Estado de Mato Grosso. Diga-se de passagem, a leitura de **A vida dos índios Guaycurús** permite entrever questões ligadas à posse da terra e as lutas entre os chamados “coronéis” pelo poder, com prejuízos incalculáveis para as populações indígenas que viviam na região do atual Mato Grosso do Sul.

DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO, SÉCULO XX: FRIČ, MANIZER, FREUNDT, LÉVI-STRAUSS E HANKE

Alberto Vojtěch Frič (1882 – 1944), etnógrafo e botânico tchecoslovaco, foi o responsável por divulgar parte dos resultados das pesquisas de Boggiani que, de outro modo, estariam, provavelmente, perdidas para sempre. Isso inclui a coleção de fotografias de índios Kadiwéu e Chamacoco (estes últimos “cativos” dos primeiros), que impressiona pela beleza das pinturas corporais e pelas feições (FRIČ; FRIČOVA, 1997). Frič teve, inclusive, uma filha com uma indígena Chamacoco e parte de seus descendentes indígenas vive hoje no Paraguai, em Puerto Esperanza. Escreveu, também, alguns livros (tais como *Indiáni Jižní Ameriky*, publicado em 1977, em Praga), mas, infelizmente, nenhum deles foi traduzido para o Português até o momento.

Frič interessou-se, sobretudo, pela mitologia Kadiwéu e pelo que, então, chamava de “folclore” indígena. Dois importantes artigos, também não traduzidos para o Português, sobre os “índios cavaleiros” de autoria dele são: *Notes on the Grave-Posts of the Kadiuéo*

(“Observações sobre os postes sepulcrais dos Kadiwéu”), publicado em Londres, em 1906, e *Onoenrgodi-Gott und Idole der Kaduveo in Mato Grosso* (“O Deus Onoenrgodi e os Ídolos dos Kadiwéu no Mato Grosso”), também publicado na Inglaterra, em 1913. No artigo *Notes on the Grave-Posts...*, “[...], Frič chama a atenção, baseando-se em sua própria observação dos rituais fúnebres, para a possibilidade de outra explicação dos chamados postes sepulcrais e das estatuetas humanas que Boggiani considerou, segundo Frič erradamente, como ídolos” (FRIČOVA, 1997: 140).

O botânico empreendeu um total de oito viagens à América do Sul (1901-1902; 1903-1905; 1906-1908; 1909-1912; 1919-1920; 1923-1924; 1927 e 1928-1929), além de ter percorrido o interior brasileiro (rios Tietê, Verde e Verdão) e convivido entre indígenas no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Viveu, entre 1919 e 1920, nestes dois últimos países, como membro de uma missão diplomática do Ministério das Relações Exteriores da então recém-criada República Tchecoslovaca. Nas últimas três viagens ao continente, esteve no México, Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia e Peru, orientando seus estudos exclusivamente para a coleta e o estudo de cactos.

Henrich Henrikhovitch Manizer – ou Genrikh Genrikhovitch Manizer – (1889-1917), etnógrafo nascido na Rússia, foi o principal nome da segunda expedição russa à América do Sul (1914-1915). Esteve entre os Kaingang (1914-1915) e entre os Krenak (1915), deixando registros valiosos dessas sociedades indígenas e sua cultura material. Além disso, pesquisou a documentação acerca da primeira expedição científica russa ao Brasil, a Expedição Langsdorff (1821-1829) e redigiu o primeiro trabalho histórico relevante sobre ela, que permaneceu inédito por três décadas após a morte do autor. A Primeira Guerra Mundial na Europa fez a segunda expedição ser abreviada e Manizer teria morrido de tifo nos campos de batalha na antiga România, atual Romênia. Em relação aos Kadiwéu, sua contribuição encontra-se no texto “Música e instrumentos de musica de algumas tribus do Brasil”, publicado na Revista Brasileira de Música, em 1934 (CAMÊU, 1977; MANIZER, 1934).

Manizer permaneceu, segundo suas próprias palavras, apenas dois meses com os Kadiwéu, registrando eventos musicais entre os índios. Apesar de se ater somente à música, fez interessantes observações sobre luto, xamanismo e danças, estando, juntamente com F. A. Fielstrup, seu colaborador, na aldeia Nalike, referida em muitas obras como a “capital” dos Kadiwéu na primeira metade do século XX. O artigo de Manizer, publicado originalmente em Petrogrado, em 1918, sob a forma de folheto pelo “Museu de Anthropologia e de Etnographia do Imperador Pedro o Grande, anexo á Academia das Sciencias da Russia”, contém

inúmeras fotografias de instrumentos musicais dos Kadiwéu, além de partituras de cantos e sons ouvidos e recolhidos em campo.

Erich Freundt (1905?-?) fez parte do corpo docente do atual Colégio Visconde de Porto Seguro, em São Paulo, capital. Recrutado na Alemanha, viúvo, foi admitido no ano letivo de 1936, como professor de Desenho e, mais tarde, de Educação Física. Já em 1938 prestou exames de proficiência em Português, exames estes decretados no período do Estado Novo. Sendo alemão, a partir de 1942, suas atividades docentes cessaram temporariamente, época em que a *Deutsche Schule* foi nacionalizada, tornando-se o Colégio Visconde de Porto Seguro. Retomou suas funções em 1949 e havendo empreendido várias viagens ao Mato Grosso, principalmente no período em que esteve afastado da docência, encantou-se com os índios Kadiwéu, Ofayé e Bororo que conheceu, retratando-os em sua única obra editada. Em 1958, provavelmente, casou-se com uma brasileira, pois a partir deste ano passou a assinar “Eurico Freundt de Castro”. Deve ter se aposentado em 1965, aos 60 anos, pois o Colégio não possui mais registros de Erich Freundt desde então.³

Ainda não foram encontradas informações mais detalhadas sobre a biografia de Freundt, sabendo-se apenas que esteve entre os Kadiwéu (Caduveo), em 1939 e os Ofayé (Opaié), em 1942. Tais informações se encontram na introdução escrita por Herbert Baldus para **Índios de Mato Grosso** (FREUNDT, 1946). É provável que depois de estar entre os Kadiwéu e os Ofayé, Freundt esteve entre os Bororo (Boróro), pois também escreveu sobre os mesmos. Referindo-se aos Kadiwéu apresenta alguns desenhos feitos de próprio punho e discorre sobre o fabrico da cerâmica e as pinturas corporais. Freundt conheceu Anoã, uma anciã Kadiwéu de muita habilidade na cerâmica e que anos mais tarde encantaria a Darcy Ribeiro. Segundo ele, “A velhíssima Anoã é uma relíquia dos Caduveo. Guarda, ainda, as antigas tradições no fabrico da cerâmica” (1946: 20). Freundt conheceu, ainda, outra personagem que serviria para Ribeiro como informante: o velho “feiticeiro”, descendente de índios Chamacoco, “João Gordo”.

Claude Lévi-Strauss (1908-2009), antropólogo franco-belga, dedicou a quinta parte de **Tristes trópicos** (Cadiueu) aos Kadiwéu encontrados por ele em uma expedição realizada entre 1935 e 1936. Especialmente os capítulos 19 (Nalike) e 20 (Uma sociedade indígena e seu estilo) referem-se àqueles índios. Admirado com as pinturas faciais e corporais que vira durante os trabalhos de campo, Lévi-Strauss pergunta a certa altura do texto: “Afinal, para que serve a arte cadiueu?”.

³ Informações gentilmente repassadas ao autor por Roberta Kutschat, ex-aluna de Freundt e, atualmente, do Centro de Memória CVPS (Colégio Visconde de Porto Seguro).

Ele mesmo tratou de tentar chegar a uma conclusão, ao escrever que:

Respondemos parcialmente à pergunta, ou melhor, os indígenas o fizeram por nós. Antes de mais nada, as pinturas do rosto conferem ao indivíduo sua dignidade de ser humano; operam a passagem da natureza à cultura, do animal “estúpido” ao homem civilizado. Em seguida, diferentes quanto ao estilo e à composição segundo as castas, expressam numa sociedade complexa a hierarquia dos status. Possuem, assim, uma função sociológica (LÉVI-STRAUSS, 2001: 183).

Salienta-se que na época que esteve entre os Kadiwéu, Claude Lévi-Strauss, acompanhado de sua esposa Dina Lévi-Strauss, ainda não havia se tornado o renomado cientista que anos mais tarde seria reconhecido como o “pai do Estruturalismo” na Antropologia. Antes, era um professor de Filosofia em início de carreira, integrante do segundo grupo da Missão Francesa que viera ao Brasil fundar a USP (Universidade de São Paulo). Faziam parte do grupo, além de Lévi-Strauss, Jean Maugüé, Pierre Monbeig e Fernand Braudel, dentre outros.

De acordo com Luís Donisete Benzi Grupioni:

No final do primeiro ano letivo, em vez de voltar à França, como fizeram os outros professores contratados, Lévi-Strauss e sua esposa partiram rumo às aldeias dos índios Kadiwéu e Bororo, no Mato Grosso. A primeira expedição realizada por Lévi-Strauss ao Brasil Central [1935-1936] não difere de outras expedições de mesmo caráter organizadas no período [década de 1930]. Eram baseadas, [...], em um conjunto de hipóteses, fruto das preocupações teóricas do momento e tinha [*sic*], entre outros objetivos, intenção de formar coleções etnográficas (GRUPIONI, 1998: 122).

Wanda Hanke (1893-1958), nascida em Troppau, Áustria, realizou estudos etnográficos na Bolívia e no Brasil, vindo a falecer em Benjamin Constant, Amazonas. Escreveu um artigo a respeito dos Kadiwéu e Terena, com quem manteve breve contato no então sul de Mato Grosso, no início dos anos 1940. O Museu Paranaense fomentou parte das pesquisas da etnóloga, que escreveu também sobre os Kaingang, Ofayé e Tikuna. Numa das edições dos **Arquivos do Museu Paranaense**, datada de 1942, encontra-se o texto *Cadivéns y Terenos*, escrito em Espanhol. A autora faz interessante menção aos Kinikinau, afirmando que os mesmos se encontravam “[...] *mestizados y asimilados a los campesinos brasileños*” (HANKE, 1942: 79).

A antropóloga chama, ainda, atenção para a presença de índios de outras etnias entre os Kadiwéu, notadamente Terena e Chamacoco. Uma importante informação contida no texto de Hanke é sobre a aldeia *Xatelodi (Xatelodo)*, vizinha à estação ferroviária Guaicurus (antiga linha Bauru – Porto Esperança) e que na segunda demarcação da Reserva Indígena Kadiwéu, ocorrida no início da década de 1980, ficou fora dos limites pertencentes aos índios, ainda que

os mesmos tivessem protestado veementemente (JOSÉ DA SILVA, 2004). O texto apresenta algumas imagens de índios Kadiwéu, além de cerâmicas coletadas e expostas no Museu Paranaense.

Hanke demonstra-se, ao longo do texto, impressionada com o grupo:

Los Cadivéns conservan así sus antiguas costumbres, al menos en ciertas ocasiones. Dedicados a los juegos de azar – como todos los índios – no adoptaron los juegos de la baraja, sino practican los juegos antiguos. Uno de éstos se realiza con pelota: según la caída de ella adentro o afuera de cierto límite marcado, se gana o se pierde. El juego se llama “djadibáñonra”.

Admirables son sus reglas de higiene y sus conocimientos de la naturaleza. Saben la duración de la gravidez de la mujer y conocen los ciclos de la menstruación. El parto se hace en la propia casa con la ayuda de una mujer perita (HANKE, 1942: 83).

Pelos textos até aqui sumariamente apresentados nota-se que alguns aspectos da cultura Kadiwéu despertaram o interesse dos etnógrafos que travaram contato com o grupo: as pinturas faciais e corporais, o comportamento guerreiro e, sobretudo, a fabricação de cerâmica. Sobre este último item, um dos textos descritivos mais antigos encontrados a respeito das técnicas que envolvem o trabalho com a argila entre as mulheres Kadiwéu é do naturalista estadunidense Herbert Smith.

DO MESMO LADO DO ATLÂNTICO, DO OUTRO LADO DAS AMÉRICAS: SMITH E OBERG

Herbert Huntington Smith (1851-1919) publicou, dentre outras obras, **Brazil, the Amazons and the coast**, em 1880. Em “O fabrico de louça entre os Cadiueus”, publicado em **Do Rio de Janeiro a Cuyabá**, faz uma minuciosa descrição da forma como observou, por volta de 1886, a fabricação de cerâmica entre as mulheres Kadiwéu (SMITH, 1922). O texto originalmente fora divulgado na Gazeta de Notícias, periódico antimonarquista e abolicionista publicado no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Embora não localize precisamente os Kadiwéu encontrados por ele, Smith dá pistas importantes de que os mesmos vivessem nessa época (final da década de 1880) às margens do rio Paraguai. A beleza da cerâmica Kadiwéu chamou a atenção de Smith, embora o autor faça referências à baixa qualidade das técnicas de confecção.

De acordo com o naturalista:

O fabrico de louça é entre os Cadiueus uma arte universal e, ao que parece, indígena. Quasi todos os objectos que vi são ornamentados de maneira peculiar e,

considerando-se o grau inferior de civilização destes índios, é muito notável o gosto que se revela n'esta ornamentação. Ainda mais notável é que tamanho progresso haja conseguido uma tribo essencialmente erradia, a qual até muito pouco, não tinha nem plantações nem casas dignas deste nome. A perícia no fabrico e ornamentação da louça até agora só tem se encontrado entre tribus agrícolas que têm habitações fixas (SMITH, 1922: 16).

Kalervo Oberg (1901-1973), antropólogo canadense, escreveu *The Terena and the Caduveo of Southern Mato Grosso, Brazil* (1949) em que se refere aos Mbayá no século XIX (organização social, vida econômica, “ciclo de vida” e xamanismo), aos Kadiwéu “hoje” – no caso, na época em que o texto foi escrito, ou seja, final da década de 1940 – (economia, terminologia de parentesco, “ciclo de vida”, mitos, religião, danças e jogos) e da cerâmica Kadiwéu (formas da cerâmica, manufatura e decoração). A obra contém um interessante dossiê fotográfico, em que são retratados os Kadiwéu e os Terena, bem como objetos de sua cultura material.

Traçando um resumido panorama histórico do grupo, Oberg escreve no início de seu texto que:

During the eighteenth century the Caduveo, then known as the Cadiquegodí, seem to have carried on their raids on both sides of the Paraguay River. In the nineteenth century the Caduveo were ranging in the territory between Rio Branco and Miranda River on the east of the Paraguay River where they finally settled. During the Paraguayan War, from 1865 [*sic*] to 1870, what were left of the Mbayá fought with the Brazilians against the Paraguayans. At the beginning of the twentieth century the Caduveo were granted possession of an area of land in southern Mato Grosso, Brazil, between the Nabileque and Aquidaban Rivers, bounded on the west by the Paraguay River and on the east by the Serra da Bodoquena. It is in this reservation, rich in agricultural and grazing land and plentifully supplied with fish and game, that some 150 Caduveo are now living in three villages under the protection of the Brazilian Government (OBERG, 1949: 03).

Assim como outros etnógrafos, Oberg faz inúmeras referências ao caráter bélico da cultura Kadiwéu, referindo-se aos índios como possuidores de “qualidades espartanas”. Estas e outras características dos descendentes dos antigos Mbayá-Guaikuru são ressaltadas ao longo de praticamente todos os textos encontrados para as análises empreendidas, o que não significa que fossem as únicas relevantes a serem anotadas. Ocorre que tais trabalhos estão localizados em um recorte temporal em que a Antropologia possuía determinados interesses e isto não escapa aos pesquisadores elencados, muitos deles preocupados em reunir objetos da cultura material, além de narrativas e mitos, de sociedades que, se acreditava, estariam em “vias de extinção”. Afinal, como lembra John Manuel Monteiro, “Sobretudo a partir do século XIX, a perspectiva que passava a predominar prognosticava, mais cedo ou mais tarde, o desaparecimento total dos povos indígenas” (MONTEIRO *In*: LOPES DA SILVA;

GRUPIONI, 1995: 222). Felizmente, no caso dos Kadiwéu, tais prognósticos não se confirmaram e atualmente vivem mais de 1.500 indígenas na Reserva localizada no município sul-mato-grossense de Porto Murtinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos textos a respeito dos Kadiwéu escritos pelos europeus e norte-americanos citados nesta comunicação evidencia alguns pontos importantes, aqui assinalados a guisa de considerações finais. Praticamente todos os autores referem-se à “decadência” em que se encontravam os Kadiwéu, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Tal “decadência” seria resultado direto do contato daqueles índios com a “civilização” não indígena.

Assim, o olhar destes etnógrafos viu os Kadiwéu como espécies de “resíduos” da grande “nação Mbayá-Guaikuru” do passado, estabelecendo uma espécie de período de “apogeu” da etnia, localizado entre os séculos XVIII e XIX. Os próprios autores chamam a atenção em seus textos para o fato de que os Kadiwéu estariam muito “misturados” com índios de outras etnias, tais como os Kinikinau, Terena e Chamacoco. Este olhar europeu e europocêntrico, “civilizado” e “civilizatório” construiu a imagem que temos hoje dos Kadiwéu do passado.

Em compensação, o conjunto das obras destes etnógrafos que vieram do outro lado do Atlântico revela aspectos da cultura material dos Kadiwéu do passado, além de conter dados relevantes sobre a organização social, o xamanismo e a própria história do grupo, demonstrando as diversas facetas do contato desta sociedade indígena como os não índios em determinado contexto. Ressalta-se que estes “documentos” também fazem parte da história dos Kadiwéu e que estes elaboraram, a partir de sua própria lógica, as presenças de pesquisadores, estrangeiros e brasileiros, em seu meio ao longo do tempo. Afinal,

Certo é que a sociedade Kadiwéu nunca foi avessa à inclusão de estrangeiros. Elementos da cosmologia Kadiwéu evocam esse seu movimento peculiar. Há [...] mito[s] Kadiwéu que [...] fala[m] sobre a guerra de captura e faz[em] perceber como é equacionada a inclusão de novos membros vindos de fora (PECHINCHA, 2000: 157).

Pode-se dizer que, de certa forma, os Kadiwéu do passado “cativaram” aos pesquisadores estrangeiros, pois ao mesmo tempo em que foram observados e “construídos” discursivamente por seus etnógrafos, também elaboraram tais presenças a partir de ideias e

parâmetros próprios. Se Lévi-Strauss, por exemplo, não sobreviveu na memória dos Kadiwéu mais antigos, ainda vivos nos dias de hoje, é fato que o nome de Boggiani, chamado pelos Kadiwéu contemporâneos de “Boggiano” (PECHINCHA, 2000) ainda está presente e bastante ligado à figura de Darcy Ribeiro, considerado como um “filho” ou “parente próximo” do explorador italiano do século XIX!

No caso dos Kadiwéu, Smith, Boggiani, Rivasseau, Frič, Manizer, Freundt, Lévi-Strauss, Hanke e Oberg foram os “construtores” de grande parte da massa de informações que se dispõe sobre estes índios, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Foram, sem dúvida, esses viajantes e seus relatos etnográficos que elaboraram as representações que se possui sobre a história e a cultura dos Kadiwéu em determinada época. Não obstante as informações etnográficas recolhidas e a trajetória histórica que é apresentada, tais informações estão longe de estar prontas e acabadas. O olhar de além do Atlântico, portanto, reclama aprofundada revisão, pois ainda que não se possa voltar no tempo, os documentos e os registros desses etnógrafos estão impregnados no papel, podendo-se sempre apreender algo novo, aquilo que ainda não foi visto, dito ou escrito. E isso só é possível ser percebido por meio de novas perguntas elaboradas pelo historiador que se vale das ferramentas que o impedem de cometer alguns dos mesmos erros do passado: as ferramentas da interdisciplinaridade, notadamente entre a História e a Antropologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGGIANI, G. **Os caduveos**. Tradução de Amadeu Amaral Júnior. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1975. 307 p.

_____. Viajes de um artista por la América meridional. Los Caduveos. Expedición al río Nabileque, en la región de las grandes cacerías de venados, Matto Grosso (Brasil). **Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán**, Tucumán, Tomo I, p. 495-556, 1929.

CAMÊU, H. **Introdução ao estudo da música indígena brasileira**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/ Departamento de Assuntos Culturais, 1977. 295 p.

FREUNDT, E. **Índios de Mato Grosso**. Introdução de Herbert Baldus. São Paulo: Melhoramentos, 1946. 33 p.

FRIČ, P.; FRIČOVA, Y. (Orgs.). **Guido Boggiani fotógrafo**. Praga: Nakladatelstvi Titanic, 1997. 139 p.

FRIČOVA, Y. ... *E procuri che non mi dimentichino i comuni amici...* (... e procurem que não me esqueçam os nossos amigos comuns...). Trad. Zuzana Borianová. **Ibero-Americana Pragensia**, Praga, ano 31, p. 132-160, 1997.

GRUPIONI, L. D. B. **Coleções e expedições vigiadas**: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. São Paulo: Hucitec/ Anpocs, 1998. 341 p.

HANKE, W. Cadivéns y Terenos. **Arquivos do Museu Paranaense**, Curitiba, v. 2, jul. 1942, p. 79-86.

HERBERTS, A. L. História dos Mbayá-Guaicurú: panorama geral. **Fronteiras – Revista de História**, Campo Grande, vol. 2, n. 4, p. 39-76, jul./dez. 1998.

JOSÉ DA SILVA, G. **A construção física, social e simbólica da Reserva Indígena Kadiwéu**: memória, identidade e história. 2004. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Dourados, 2004.

_____. Um dia é do etnógrafo, o outro do caçador: breve estudo acerca da representação de índios e da natureza em *Os caduveos*, de Guido Boggiani. **Fronteiras: Revista de História**, Campo Grande, vol. 6, n. 12, p. 43-53, jul./dez. 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Tradução de Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 400 p.

MANIZER, H. H. Musica e instrumentos de musica de algumas tribus do Brasil. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, Fascículo 1, p. 304-327, dez. 1934.

MONTEIRO, J. M. O desafio da história indígena no Brasil. *In*: LOPES DA SILVA, A. L. da; GRUPIONI, L. D. B. (Orgs.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/ MARI/ UNESCO, 1995. p. 221-228.

OBERG, K. **The Terena and the Caduveo of Southern Mato Grosso, Brazil**. Washington: U.S. Govt. Print. Off., 1949. 115 p.

PECHINCHA, M. T. S. **Histórias de admirar**: mito, rito e história Kadiwéu. 1994. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 1994.

_____. Memória e história entre índios brasileiros: os Kadiwéu e seus etnógrafos Darcy Ribeiro e Guido Boggiani. **História Revista**, Goiânia, v. 5, n. 1/2, p. 151-163, jan./dez. 2000.

RIBEIRO, D. **Kadiwéu**: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. 318 p.

RIVASSEAU, E. **A vida dos índios Guaicurus**: quinze dias nas suas aldeias (sul de Matto Grosso). 2. ed. São Paulo: Nacional, 1941. 324 p.

SMITH, H. H. O fabrico de louça entre os Cadiveus. *In*: _____. **Do Rio de Janeiro a Cuyabá**: notas de um naturalista. São Paulo: Melhoramentos, 1922. p. 305-312.

